

Uma das mais requisitadas coloristas da indústria de quadrinhos, artista porto-alegrense agora quer contar suas próprias histórias

Reportagem Cultural



As novas cores de Cris Peter

Daniel Sanes, especial para JC

Uma das primeiras memórias de Cristiane Duarte Peter com relação a cores está ligada a uma frustração. Como sua família não tinha muitos recursos, a menina precisava se conformar com a caixinha mais básica de lápis de cor – que, ainda por cima, eram de tons que achava sem graça.

“Eu sonhava com aqueles estojos grandes, com andares e mais andares. E não entendia por que precisava usar sempre aqueles mesmos 12 lápis, todos de cores fortes. Se fosse criança hoje em dia, iria enlouquecer em uma papelaria, pois existem estojos só de tons pastéis”, diz.

As limitações do passado não impediram Cris Peter, como é conhecida, de se tornar uma das mais requisitadas coloristas da indústria de quadrinhos. Até a publicação desta reportagem, o site Comic Vine, considerado o maior banco de dados sobre HQs do mundo, registrava 369 obras com seus créditos. A lista inclui

trabalhos lançados por editoras renomadas como Marvel, DC e Dark Horse.

Essa trajetória rendeu, entre outros prêmios, três HQ MIX (2015, 2016 e 2017) e um Troféu Angelo Agostini. Em 2012, Cris se tornou a primeira brasileira indicada ao Eisner Award – o “Oscar dos quadrinhos” –, pela colorização da série *Casanova*, roteirizada pelo norte-americano Matt Fraction e ilustrada pelos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá.

A artista porto-alegrense também teve a oportunidade de trabalhar com a obra de Mauricio de Souza. Primeiro, coloriu duas histórias na antologia *MSP 50* (2009), em homenagem às cinco décadas de carreira do pai da Mônica. Três anos depois, deixou sua marca em *Astronauta: Magnetar*, de Danilo Beyruth. A publicação inaugurou o selo Graphic MSP, cuja proposta é revisitar personagens clássicos do estúdio em formato de *graphic novel*. Foram seis livros acompanhando a saga do personagem.

“Jamais sonhei que um dia fosse conhecer o Mauricio! Muito menos que seria citada na biografia dele. E pensar que a Cris de sete anos de idade só queria um *Almanacão de Férias* da Turma da Mônica... Mas nunca ganhou”, lembra, aos risos. “Em compensação, consegui colorir a série do Astronauta inteira.”

Mesmo com uma carreira tão bem-sucedida, Cris Peter não quer se acomodar. Aos 43 anos – mais da metade deles dedicados à colorização digital –, a artista se prepara para colocar em prática um projeto que vem sendo maturado há algum tempo: a transição para as letras.

Atualmente cursando a graduação em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), ela explica que essa decisão é fruto de uma necessidade pessoal e artística. “Não me arrependo das minhas escolhas, pois acredito que fui muito feliz nelas. Mas também acho que já cheguei ao

topo da carreira como colorista. E, depois de tantos anos colocando a escrita em segundo plano, pensei: ‘quer saber? Vamos logo atrás disso’.”

A mudança ainda é marcada por incertezas, especialmente quanto ao formato das narrativas. Porém, isso é o que menos importa para ela. “Pode ser romance, filme ou quadrinhos; a escolha da plataforma depende do que for mais interessante para a história. O que eu quero é escrever os meus próprios textos”, afirma ela, que já havia lançado alguns trabalhos de forma independente – como a série *Patas sujas*, ilustrada por Érica Awano e Ursula Dorada.

O primeiro projeto dessa nova fase deve ver a luz ainda este ano. É um livrinho infantil intitulado *Tinico diz não*, inspirado no convívio com seu sobrinho, um menino de três anos que não gosta de ser abraçado e beijado.

“Vejo que as pessoas não aceitam muito bem, né? É aque-

la coisa: ‘vem aqui e dá um beijo na tia agora’”, ressalta. “A criança precisa se sentir à vontade, ter o tempo dela. Resolvi desenvolver uma narrativa que brinca com isso, ao mesmo tempo em que fala de consentimento, só que de uma forma mais leve.”

O projeto já está em fase de finalização dos *storyboards*, mas em breve ela espera dar início ao desenho propriamente dito. Isso não significa que Cris deixará as cores de lado. Pelo contrário: elas vão estar mais presentes do que nunca, só que de uma forma mais ‘raiz’.

“Vai ser tudo com guache, lápis de cor, uma mistura de técnicas”, detalha. “Minha carreira foi toda construída no digital, mas agora estou com essa vibe de voltar para o papel.”

Depois de dar vida a tantas histórias alheias, Cris Peter agora quer contar as delas. De preferência, com muitas cores.

Leia mais na página central